

§

[Chocalhos]
[Canto ao longe]

[Galo cantando]
[Latidos ao longe]

[Em idioma indígena]

[Latidos continuam]

[Chocalhos e cânticos]

[Mulher falando em idioma indígena]
[Mulher e crianças] - A... An. - A... An.
[Mulher e crianças] - G... E. - G... E.
[Mulher e crianças] - Em... Lhe. - Em... Lhe.
[Mulher e crianças] - Nhe... E. - Nhe... E.
[Mulher e crianças] - I... - I...

[Pássaros cantando ao longe]

[Canto e batidas ao longe]

[Canto e batidas continuam]

§

§

[Canto e batidas continuam]

§

[Ronco do motor do barco]

[Ilson] Hoje a gente está numa terra
considerada uma terra, uma propriedade particular,
que não é uma terra indígena.

A gente luta pra que se demarque essa terra
pra que a gente tenha parte dessa liberdade.

Parte da cultura hoje...
a gente não tem como recuperar mais.

[Batuques ao longe]

A gente costuma ouvir
que o índio Guarani não tem fronteiras,
e essas fronteiras foram uma invenção do homem branco.

O povo Guarani existe aqui e existe lá.

Ele existe desse lado do rio, e também do outro lado do rio.
Desse lado da fronteira e daquele outro lado.

Mesmo estando depois ou antes das fronteiras,
continua sendo o mesmo povo Guarani.

[Chocalhos]

[Canto indígena ao longe]

[Canto indígena continua]

[Eduardo] Antes a gente não tinha essa coisa de demarcação.
As fronteiras eram fluidas.
Os territórios iam até onde o povo ia.

E não tinha essa coisa de nomadismo,
pouquíssimos povos indígenas
da América Latina são nômades.

[Canto continua]

E não havia essa ideia de que se chegar alguém
não pode entrar porque isso aqui é nosso.
Era sempre uma coisa que era negociável,
povos que adentravam no território do outro,
e se aliavam, casavam e faziam guerra também,
mas, em suma, não havia essa ideia de uma cerca.
O Davi Kopenawa fala isso:
"Onde tem branco, tem cerca.
E índio não tem cerca".

§

[Oiara] E a questão de fronteira,
acho que ela é importante nesse sentido também
pra pensar a relação com o Estado
e com os estados.

§

[Canto indígena]

§

E os povos que vivem nas fronteiras
lidam com isso o tempo todo, positivamente e negativamente.
Positivamente porque eles conseguem circular
do jeito mais interessante, no bom sentido.
E, ao mesmo tempo, também sofrem as consequências
das ações desses estados
em todos os sentidos e ao mesmo tempo.

[Burburinho]

[Índios gritando ao longe]

[Canto indígena ao longe]

[Sonia] Por muitos anos tivemos aqui só até o ensino fundamental,
só até a quarta série.
Passando disso, quem quisesse continuar tinha que sair,
tinha que estudar fora, no município mais próximo.

Eu não tive medo de sair.

Quando ele disse: "Vamos?". Eu disse: "Estou pronta."

[Burburinho]

[Falatório]

[Gritos]

[Gritos continuam]

[Fogos de artifício]

São os dois extremos que eu vivo constantemente.
Você está aqui dentro da aldeia
vivendo a cultura o tempo todo,
porque aqui é a cultura viva.

E, quando tu sai daqui, volta e recapitula tudo
que agora é outro mundo.

[Fogos de artifício]

[Canto indígena]

[Gritos ao longe]

[Buzinas]

[David] De um lado a gente aprende quem é o Mbyás...
e, do outro lado, o Mbyá não aprende quem é a gente.

[Ronco forte de motor]

E nessa relação com o Mbyás...
é onde entra a sabedoria que os Tira-Mae me ensinou,
que eu precisava equilibrar o meu conhecimento.

Não ter só o conhecimento Guarani
e nem ter só o conhecimento Mbyás.

[Eduardo] É uma questão de como que os índios estão agora
se capacitando progressivamente
a cuidar das suas fronteiras
através de um instrumento
fundamental do estado burocrático que é o papel.
Fazer com que os brancos respeitem o papel que assinam
e que não aplicam.

§

[Mulher no alto-falante] Alfa 2, ciente!

[Goteira]

[Gritos ao longe]

[Burburinho]

[Batidas e chocalhos]

[Oiara] Para garantir minimamente
as condições de vida de um povo hoje,
no contexto atual do Estado, nação brasileira,

no qual a gente vive e eles estão
irremediavelmente inseridos,
faz com que esse papel tenha uma dimensão de surdez
e de mudez muito assustador.

[Buzinas]
[Helicóptero]

§

O Jaraguá era uma terra que quase ninguém conhecia.

Às vezes, até a gente chegava na FUNAI e falava:

"O Jaraguá, a terra de Jaraguá."

"Que Jaraguá? Onde fica esse Jaraguá?"

"Em São Paulo." "São Paulo?".

§ Violão §

[Buzinas]

§

[Canto indígena]

[Buzinas]

§

§

[Ronco de motor]

[Flauta]

[Canto indígena]

§

[Batuques]

[Canto continua]

§

§

[Mulher] Antes não tinha essa coisa
de armas apontadas na nossa cabeça,
armas apontadas para os nossos filhos.

Hoje, não. Hoje a fronteira é os fazendeiros.

Eles que fazem a muralha pra nós

e limitam a nossavivência hoje.

§

[Batuques e cantos continuam]

O símbolo da fronteira pra nós é a arma do fazendeiro.

§

[Falatório ao longe]

E aí tem a ironia...
de quando comecei a transitar no meio dos brancos e falar.
A surpresa que os jornalistas,
que os meus interlocutores tinham era de dizer para mim:
"Como que você fala português assim?"

Aí, eu dizia para eles:
"Em que língua você quer que eu fale com você?"

"Não, mas você fala muito bem português,
parece que você não é índio."

"Vai ver que eu não sou mais índio,
"porque agora eu falo a sua língua, né?
Eu entendo o que você está falando comigo."

[Ronco de motor ao longe]
Porque vocês estão acostumado a dominar os índios
que não entendem o que vocês falam.
Quando vocês encontram alguém que já fala a sua língua
e entende o que você fala, aí ele deixa de ser índio.

E isso é uma grande sacanagem que fazem com os índios...
de dizer que os índios que já falam português
não são mais índios.
[Helicóptero]

[Chocalhos]
[Eduardo] O dia que a gente conseguir dizer chega, basta...
acabou, desse jeito não dá...
e conseguir com que isso realmente modifique...
é um dia que vai acabar chegando,
porque o planeta não está nem aí pra gente.
[Flauta]
[Batidas ritmadas]
§
[Batidas continuam]
§

Estamos denunciando o aparato, o estado brasileiro...
que foi um crime sem proporções...
que ainda não foram estimadas.

Os danos no sentido amplo do ecossistema
que foi afetado por aquele derrame de lama envenenada
na Bacia do rio Doce...
arrancando os povos de seus lugares de origem,
saqueando os seus territórios,
e fazendo uma política de terra arrasada.

[Canto indígena]

[Mulher falando em idioma indígena]

[Continua falando]

[Canto indígena]

[Mulher continua falando em idioma indígena]

[Continua falando]

[Homem falando no rádio]

[Homem continua falando no rádio]

[Galo cantando]

Quando a gente estava citando os Yanomamis,
pensei seriamente a possibilidade de abrir,
pelo menos uma janelinha,
para um horizonte que era o seguinte:
o maior território em extensão nas Américas...

com gente vivendo em estado ideal,
natural, um paraíso,
transpondo a fronteira do Brasil e da Venezuela,
onde vivem os Iecuanas, os Yanomamis, todos,
que tem pelo menos um lugar onde podemos ser considerado
como uma espécie de último refúgio de vida inteligente.

[Canto indígena]

[Canto indígena continua]

[Falatório]

[Pássaros cantando ao longe]

[Conversando no rádio em idioma indígena]

[Continua conversando no rádio]

[Outro índio no rádio]

[Outro índio na rádio]

[Galo cantando]

[Pássaros cantando]

[Burburinho]

[Risos]

[Falatório]

[Falatório continua]